
A indústria do livro é frágil demais

The book industry is too fragile

Angel Bojadsen

Editora Estação Liberdade

<https://orcid.org/0000-0003-1860-8199>

Recebido em: 04/11/2019

Aceito para publicação em: 16/11/2019

Resumo

O editor Angel Bojadsen se apresenta como um pedestre que circula entre as cidades da cultura. Promotor de um patrimônio imaterial, ele trabalha para que os brasileiros conheçam o que criam europeus, japoneses ou chineses. Mas, sem o apoio público organizado, a publicação de qualidade permanecerá um setor econômico devastado, impulsionado pela falência da educação.

Palavras chave: Livros, Ciências sociais, Tradução, Cidade, Políticas culturais

Abstract

The publisher Angel Bojadsen is a pedestrian who circulates between the cities of culture. Promoter of an intangible cultural heritage, he works so that Brazilians know what Europeans, Japanese or Chinese create. But, without organized public support, quality publishing will remain a devastated economic sector driven by the bankruptcy of education.

Keywords: *Publishing, Social sciences, Translation, City, Cultural policies*

De 1989 para 2019, o mundo viveu 30 anos de entusiasmo misturado com muitas decepções. A editora Estação Liberdade nasce justamente em 1989. Exatamente no mesmo ano em que assistimos à queda do muro de Berlim e as duas Alemanhas serem unificadas — e que é um dos limites temporais do tema do dossiê deste número da revista *Cerrados – Artistas e criadores, entre muros e exílios: trinta anos de solidão [1989–2019]*.

Inicialmente, abordei a editora em 1993 pronto para qualquer tarefa. Eu trabalhava como tradutor fixo na Gazeta Mercantil e fazia algumas traduções avulsas. Mas, por vivência, estudos e experiências anteriores, tinha agilidade em algumas línguas, e isso foi fundamental para dar um ar cosmopolita à Estação Liberdade, à qual me associei então em 1993, quatro anos depois dela ter sido fundada por Jiro Takahashi.

Inicialmente, sob a direção dele, havia um forte olhar para a produção de nipo-brasileiros, mas ao mesmo tempo houve a contratação de alguns livros no exterior que foram bem acolhidos, e também uma atuação em prol da literatura nacional. Quando cheguei, a principal guinada foi ir diretamente à fonte, da Liberdade, o bairro nipônico de São Paulo, ao Japão propriamente dito e à contratação de autores japoneses que já eram leitura minha: Tanizaki, Kawabata, e vários outros. Houve também o inesperado sucesso do romance épico ambientado na Idade Média japonesa, *Musashi*, que foi best-seller e nos fez sermos vistos como editora “japonesa”.

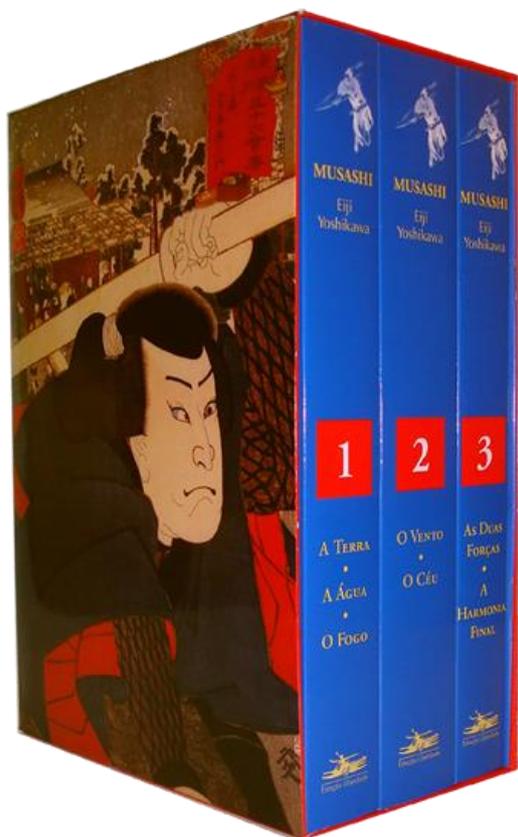


Imagem 1: *Musashi* Box. Ilustrações da caixa: Miyamoto Musashi em Mukojima. Gravura ukiyo-e de Utagawa Kuniyoshi, 1852; Miyamoto Musashi. Gravura nishiki-e de Utagawa Kuniyoshi, c. 1845, Museum of Fine Arts, Boston.

Cultivamos na realidade este nicho de mercado até hoje, no qual somos fortes protagonistas, mas agora estendendonzam-se à China e também à Coreia. E depois veio o Vietnã, que tem uma ótima literatura. Percebemos muito claramente um chamado para algo que transcende nosso mundo cartesiano-ocidental. Os japoneses têm uma abordagem diferente da literatura, os textos são mais concisos e vão mais diretamente ao ponto. Um Proust e suas divagações seriam impensáveis no mundo das cerejeiras. Pessoalmente, caí sob o fascínio daquele país tão diferente e com um cotidiano tão no contrapé do nosso. Fui convidado pelo governo japonês a participar de um colóquio sobre Haruki Murakami, de quem eu era editor aqui na época, e minha percepção da *urbe* e de seus tecidos me viraram de cabeça para baixo. Em Tóquio, são 35 milhões de pessoas convivendo no mesmo espaço, nada menos que três vezes São Paulo. Como isso se organiza na prática é um desafio e tem seu corolário na literatura. No fundo, é uma organização social monstruosa, aniquiladora. O que forçosamente deve gerar uma literatura avassaladora... O que busco, então, é como isso é explorado na literatura. Achei algumas respostas em Yoko Ogawa, Hiromi Kawakami, agora na Sayaka Murata, antigamente em Haruki Murakami também, mas ainda busco o *Berlim Alexanderplatz* ou o *Manhattan Transfer* de Tóquio. É uma história que para mim está longe de estar encerrada.

Da mesma forma, ter me perdido pelas ruelas do bairro medieval do Cairo, no entorno daquele gigantesco mercado de mil ruelas e mesquitas aprazíveis nas quais é uma delícia passar algumas horas lendo, é outra experiência ímpar. Quando um escritor como nosso Gamal Ghitany me leva pela mão, me mostra os segredos da cidade velha, inclusive os cenários de Naguib Mahfouz, isso entre um autógrafo e outro, pois era constantemente parado na rua, a experiência acaba sendo inesquecível e faz se fundirem literatura e experiência pessoal.

Paralelamente, por interesse meu também, como se fosse um complemento de estudos interrompidos, busquei um assentamento nas literaturas europeias, que me eram caras e que foram importantes para minha formação. Como querendo homenagear minhas próprias origens, abri a editora para traduções do alemão e do francês, e não é fortuito eu ter editado autores como Goethe, Fontane, Heinrich Mann, Max Frisch, Christa Wolf, Friedrich Dürrenmatt, para os de língua alemã, e Balzac, Victor Hugo, Zola, André Gide, Romain Gary, Pierre Michon, Réjean Ducharme, Ahmadou Kourouma, Atiq Rahimi, para os francófonos. No caso do Atiq Rahimi lidamos com uma literatura de desterro, de eterno retorno, ainda que literário. Mas isso não teria tanta graça sem as incursões pelas literaturas árabes (por ora argelina, síria, egípcia), afegã, polonesa...

Enfim, quanto mais diversificado, melhor. Sem esquecer as humanidades, afinal eu tinha estudado história e ciência política na universidade, e história sempre foi minha matéria predileta na escola. Acredito profundamente nos encontros de culturas. Morei em países multiculturais, como o Canadá e a Suíça, além da fusão de culturas que é São Paulo. Portanto, essa sensibilidade vem de algum lugar. Começou vindo de casa... meu pai foi refugiado da Segunda Guerra e minha mãe veio da fronteira entre Alemanha e França. Nos anos 1980, passei cerca de três anos em Berlim e fiquei durante esse tempo todo sem encontrar um único judeu. Meus amigos não conheciam nenhum judeu e a ausência total de uma cultura que tanto enriqueceu a vida cultural alemã antes do nazismo foi severa matéria de reflexão para mim. Não tenho nenhuma ascendência judaica, mas aquilo era um elo perdido. Hoje, Berlim tenta se reconstruir um resquício de vida judaica, mas é estranhamente artificial. Notável que a prestigiosa editora Suhrkamp, com quem trabalhamos tanto, Sloterdijk, Handke, Max Frisch, Christa Wolf e tantos outros, tenha acabado de se mudar exatamente para o que era o centro da cultura judaica e da cultura *tout court* de Berlim – o bairro *Scheunenviertel*, as ruas Linien e Rosa-Luxemburg, ao lado do Volksbühne, o teatro ao qual Heiner Müller esteve tão ligado. Belo projeto. Quisera eu.

Um romance épico sobre como manter a população afastada das decisões

O choque do 11 de setembro de 2001 se abateu sobre mim literalmente pelo trabalho editorial: telefonei para nosso autor Peter Sloterdijk para combinarmos detalhes de uma visita que ele faria ao Brasil, e ele, todo atônito com minha ligação, me exclamou: “mas você não está vendo televisão? A história do mundo acaba de mudar”. Mas não adaptei ou tive que adaptar especialmente o programa ou a linha editorial da Editora Estação Liberdade em decorrência dos choques do 11 de setembro. Alguns autores se expressaram bastante sobre isso, como o próprio Sloterdijk ou Luciano Canfora. Editorialmente, tenho dado muita atenção ao *crash* de 2008 e suas consequências. Uma releitura de Thomas Piketty por uma turma de Harvard, os ensaios de Adam Tooze, Luciano Canfora, a teoria da regulação com Robert Boyer, enfim, a questão da distribuição de renda me preocupa muito. E tento dar destaque à reflexão sobre os novos populismos. Acabamos de lançar a obra *A grande regressão*, no qual autores como Zygmunt Bauman, Bruno Latour, Wolfgang Streeck, Slavoj Žižek e Renato Janine Ribeiro se debruçam sobre o fenômeno. Sentimos a globalização no dia a dia, tanto na concentração editorial mundo afora quanto no varejo do livro aqui no Brasil, onde importantes clientes nossos estão em franca dificuldade. Mas esta é uma questão complexa, que ocuparia um enorme espaço aqui. A falta de espaço para livros em livrarias e na imprensa são empecilhos enormes,

quando vejo os suplementos literários de alguns jornais estrangeiros entro praticamente em depressão...



Imagem 2: *A grande regressão*.

Foto: Black Tower © Pexels/Todd Trapani

Refletindo sobre a educação atualmente no Brasil, acredito que estamos inaugurando mais um capítulo de uma longa história triste, um romance épico de como fazer para manter a população afastada das decisões que lhe dizem respeito mediante não-educação e desinformação. Renato Janine Ribeiro diz textualmente em sua contribuição ao *Grande regressão*, intitulada ‘O Brasil voltou cinquenta anos em três’: “Sustento que a desigualdade e a corrupção existem porque foram planejadas: que o Brasil não é um fracasso na igualdade, na justiça social, na honestidade com os dinheiros públicos, mas um *sucesso* na desigualdade, na exclusão social na corrupção.” (in GEISELBERGER, 2019, p. 332) Uma imensa Bacurau?...

Infelizmente, a vida editorial brasileira parece estar dependente dos ciclos econômicos do país. Se olharmos para o número de colegas que perderam suas casas editoriais, ou de livrarias tradicionais que fecharam, não dá para pensar na existência de uma certa forma resiliente que permitiria a sobrevivência das instituições culturais.

Quando comecei nesse ramo, eu ia ao centro de São Paulo e fazia visita comercial em dez livrarias no mesmo dia. Hoje, é um deserto – foge ao meu entendimento uma cidade como São Paulo não fazer o mínimo esforço para conservar o centro de forma minimamente decente. Ele tem muita coisa charmosa e uma política de recuperação não precisaria de enormes investimentos. Em termos de livrarias, a muito custo, resiste ali a Livraria Francesa. Isolada, navio naufragado. Mas é importante registrar que algumas pequenas livrarias estão reaparecendo bravamente.

Teimamos em torcer pela recuperação das duas maiores redes do varejo do livro no Brasil. Para nós e para muitas outras editoras, elas representam uma fração fundamental e incontornável do faturamento, cerca de 40% para sermos mais precisos. A indústria do livro é frágil demais para tanto solavanco, e não à toa recebe ajudas governamentais de diversas formas em muitos países. O livro é um patrimônio cultural como muitos outros por aí mais vistosos.

Penso que a liberdade é um motivo evidente para o leitor – Jean-Paul Sartre falou, em 1947, da literatura como conjunto de liberdades: todo livro convida o leitor a exercer sua liberdade, seja para acompanhar o escritor, seja para se distanciar dele na consideração da situação que ele lhe apresenta. Por sinal, tenho muito carinho pelo golpe no estômago que é o *Aden, Arábia*, de Paul Nizan, com o famoso prefácio de Sartre, que na verdade é do mesmo tamanho que o próprio texto. Vendeu pouco, mas é maravilhoso ao expor o sofrimento de se descobrir a si mesmo por meio do choque com outra cultura. Considerando o programa da Estação Liberdade, acho difícil trabalhar com um autor com o qual tenho divergências, mas dependendo do grau de divergência, me acomodo. Em alguns casos, inclusive, é enriquecedor. Não pretendo ser absolutista. Não cabe a um editor ser censor.

Nosso autor Peter Handke, um gigante inegável das letras, ter levado o Prêmio Nobel me deixa particularmente feliz, após ter sofrido tantas críticas por posicionamentos políticos mal compreendidos. Do alto de sua torre de marfim – pois nunca foi um ser político no sentido de autor engajado, ele observou com desdém a dissolução da Iugoslávia, a ele tão cara, tentando corrigir um maniqueísmo torto que colocava sempre os croatas ou bósnios como vítimas e os sérvios como algozes. Nestes dias pós-outorga do prêmio Nobel, tive que me debruçar sobre a obra de Handke afim de montar um pacote coerente de títulos para fechar com a editora Suhrkamp (pois, obviamente, não mais que de repente, ele saiu do ostracismo editorial que o assolava por aqui. Felizmente, ao sair o Nobel tínhamos sete títulos sob contrato, o que nos dava uma certa dianteira). Esse mergulho prolongado em sua obra, apesar das mil tarefas do cotidiano, foi uma bela

sacudida e fez com que eu o admirasse ainda mais. Decidi, talvez por despeito, mas também para lhe fazer justiça, colocar no pacote um dos livros tão atacados pela crítica em que ele fala das guerras iugoslavas. Tal ação significa para mim tomar partido; tomar partido é assumir para si – pensemos bem nessa formulação, duas pequenas palavras que significam muitíssimo, ‘tomar’, isto é chamar para si, e ‘partido’, no sentido de se posicionar, ingrediente tão necessário hoje em dia. Enfim, passar dois dias e meio mergulhado na obra de Handke me aproximou mais ainda do autor, do qual me senti próximo, já décadas atrás, ao ver seu roteiro para *Falsos movimientos*, de Wim Wenders; me senti próximo, depois que ele atropelou o *mainstream* político; e de quem me senti definitivamente próximo de novo, ao ler longos trechos noite adentro do *Mein Jahr in der Niemandsbucht* [Meu ano na baía de ninguém]. Um libelo de mais de mil páginas sobre a impossibilidade de não-escrever. Tudo nele é elaborado e tudo nele é trabalhado a cinzel... como o belo fax que mandou para justificar sua recusa de participar da Flip, “gosto muito de Paraty, tenho boas lembranças, mas festivais não são para mim”. Computador não é coisa que caiba em sua torre de marfim.



Imagem 3: *A perda da imagem ou Através da Sierra de Gredos*. Composição: B.D. Miranda. Imagem de capa: Dennis Stock/Magnum Photos/Latinstock. *O cânion “ocre”, Roussillon, 1980.* *Don Juan* (narrado por ele mesmo). Composição Johannes C. Bergmann Foto: © Harry Gruyaert / Magnum. Imilchil, Alto Atlas, Marrocos, 1986

Vale a pena voltar um pouco a isso. Handke lamentou claramente as guerras da antiga Iugoslávia e tem um inequívoco viés pacifista. E está longe de ser o único escritor a ter sido contra os bombardeios da OTAN contra a Sérvia (vide o também prêmio Nobel Harold Pinter), mas o crucificaram à época e ainda hoje, pois bodes expiatórios são produto de primeira necessidade. Enfim, ele é a própria personificação de multiplicidades culturais e literárias. Tanto assim, que agora, de vez em quando, escreve em francês, e também escreve — e com que talento — para o cinema e para o teatro. Subscrevo o posicionamento dele contra os maniqueísmos de qualquer espécie, inclusive os da imprensa, quando cabível — e são muitos. Quantos jornalistas pesquisaram o que ele realmente disse no enterro de Milosevic, em vez de alcunhá-lo mecanicamente como “defensor de genocídios”? Então, há sim um engajamento do editor, mais do que isso, um engajamento editorial, um pacto entre editor e editado. Enquanto editor, quero estar em condições de defender autores tão diversos ideologicamente, mas tão unidos pela qualidade do pensamento, quanto um Alain Badiou ou um Peter Sloterdijk. Isso posto, estou intrigado em imergir ainda mais na visão dele da tragédia de nacionalismos aberrantes que destruíram a Iugoslávia e que deram ensejo a regimes neautoritários e regressivos como os da Polônia e da Hungria no Leste europeu. Portanto, seu plantel de obras “sérvias” *Viagem de inverno*, *Perguntas sob lágrimas* e *Noite moraviana* são desafios que me aguardam como editor em particular.

Militância fundamental: manter uma linha editorial independente e de qualidade

Desenvolver um projeto e um programa de publicação nos tempos críticos em que vivemos me parece, de certa forma, e paradoxalmente, ainda mais fácil. Pois, em tempos de conflito precisamos cerrar fileiras e demarcar posições. Quis me juntar a outros editores ao fazermos em vários países este livro multieditorial que é *A grande regressão*. Tinha que discutir esses neopopulismos autoritarizantes. E Bolsonaro veio depois do livro original estar pronto, mas recuperamos o terreno perdido com a participação de Renato Janine Ribeiro. A coisa não termina aí. Estamos fazendo uma série de livros sobre autoritarismos e perseguição, sobre os campos de concentração, sobre o gueto de Varsóvia, sobre o linchamento de Emmett Till nos EUA. Na ficção, também busco autores que tenham uma perspectiva histórica, como Heinrich Böll, Andrzej Szczypiorski ou agora o chinês Chen Zhongshi.

Acredito que uma editora pode e deve atuar no contexto cultural e de ideias, sejam os tempos convulsionados ou não. Mas na fase atual da distopia política brasileira, a gente se sente um pouco mais atuante. Já mencionei algumas publicações nossas que se inserem

nesse contexto. Enviamos também livros para presídios, ajudamos nas bibliotecas de uma ou outra ocupação, como a Nove de Julho, em São Paulo, mas mantemos uma postura literária acima de tudo; não me vejo como panfletário. A militância fundamental é manter uma linha editorial independente e de qualidade, mesmo em momentos econômicos difíceis. Até porque, se tivesse que mudar a linha editorial, como fazer autoajuda ou livros espíritas, eu não saberia fazer. No exterior, às vezes me perguntam de que grupo fazemos parte. Lá fora, mesmo editoras pequenas já se associaram na gestão econômica, tendo uma distribuição comum. Somos de fato independentes na verdadeira acepção da palavra. Tem um preço que por ora está dando para pagar, mas a tendência é também buscarmos formas de parceria.

O catálogo da Estação Liberdade junta a literatura e o pensamento japonês com expressões da esquerda europeia. Essa dicotomia “esquerda europeia” e “literatura japonesa” são frentes díspares, assunto sobre o qual estou refletindo. São duas tendências, dois eixos que não dialogam tanto, mas os dois me são muito caros. Tento ser ecumênico, mas não sei se a melhor apelação seria dizer “esquerda europeia”. Bem, nosso principal teórico de literatura japonesa, Shuichi Kato, era marxista, então temos o elo! No fim, talvez faça sentido fazermos dois selos, um orientalista e outro mais tradicional.

Sabemos que a educação é ainda mais necessária no mundo globalizado e tecnológico que conhecemos. Mas assistimos uma grande indiferença no país a propósito de tal desafio. Minha grande preocupação, quanto ao futuro da cultura literária brasileira, é o decréscimo de leituras obrigatórias na escola. Eu ainda tive que ler Dostoiévski, Kafka, Camus e Sartre no colegial; em SP, hoje, isso não existe mais. Existem algumas leituras obrigatórias de vestibular – e certas editoras agradecem! No Canadá, com treze ou quatorze anos, eu tinha que pesquisar e fazer trabalhos de vinte páginas cumprindo uma série de exigências de forma e conteúdo. Hoje, o pessoal chega na editora e não sabe como redigir ou endereçar uma carta. Os conhecimentos de gramática e sintaxe são péssimos. O aprendizado do hábito de leitura e também o apreço por formar sua pequena biblioteca pessoal precisam ser trabalhados, o que vejo como condição de sobrevivência. Redes sociais e smartphones não me assustam, exceto na medida em que fomentam uma cultura do superficial e do descartável. Por ora, não tenho solução. Talvez vire moda, uma espécie de desafio a novos *establishments*, ostentar um belo livro no metrô. Quando vejo alguém lendo algo edificante, me encho de alegria quase infantil. Um dia, até fotografei um cara lendo *O capital no século 21* no metrô, e retornando da feira de Frankfurt, meu vizinho, que não tinha nada que a ver com livros, um executivo, estava lendo Arturo Pérez-Reverte. A gente hoje fica eufórico com cada coisa boba... Em 1979, viajei com um amigo

pela União Soviética. Na época, no metrô de Leningrado os calhamaços de Dostoiévski ou Tolstói eram coisa comum. Em Gdânsk, na Polônia, em pleno estado de sítio liam *Ferdydurke* do Gombrowicz, nos poucos exemplares disponíveis e que passavam de mão em mão, enquanto íamos buscar vodka nos bordéis no meio da noite, único lugar que tinha algo para beber. De manhã, íamos nos estaleiros Lênin, onde os guardas faziam contrabando de *samizdats* contra o regime e de fotos da repressão às greves. De tarde, a turma perguntava por que cargas d'água o Reagan ainda não tinha invadido a Nicarágua. Francis Fukuyama ainda andava de calças curtas...

Sob outro plano, me parece possível pensar na existência de um potencial ontológico de disciplinas, como a arquitetura, a estética, a filosofia, a história, a literatura, etc., tanto que fazemos questão de atuar nessas diversas frentes. Apesar de certas especializações e da consolidação de alguns nichos de mercado, a Estação Liberdade pretende ser uma editora generalizante. Eu me sentiria reduzido como editor, por exemplo, ficando só com a literatura do Extremo Oriente por ser nossa área mais bem-sucedida e encerrar o resto. Por outro lado, não creio que uma editora possa contribuir para incentivar o pensamento além de sua capacidade de fazer livros. Fazemos eventos, discutimos em diversos fóruns, diversificamos nossa linha editorial para provocar a atingir públicos diversos, em alguns momentos somos ativistas culturais, mas não somos uma instituição de ensino.

A fuga da aristocracia social se dá, em geral, pela atuação em áreas desfavorecidas por diversos meios. Mencionei aqui, anteriormente, presídios e ocupações. De vez em quando participamos de eventos na periferia. Há gente muito interessante militando por aí e que precisa de apoio. Sem paternalismo. Nossa própria equipe na editora representa os diversos setores da sociedade. Temos um olho aberto para isso. Não é demagogia nem letra morta. No entanto, como editora que traduz muito, e, portanto, que compra títulos fora, temos um engajamento literário na descoberta de novos autores brasileiros um pouco menos forte. Apostamos num autor maravilhoso do Rio de Janeiro, sem meio algum a não ser seu grande talento, que faz bicos para revistas de maçonaria ou de pesca, e que agora eu talvez consiga, finalmente, vender no exterior – nesta última feira de Frankfurt houve real interesse por seu trabalho. Chama-se Francisco Maciel. Queria fazer mais, sempre podemos fazer mais. A Estação Liberdade publicou, recentemente, *A invenção de Paris*, que foi uma aposta num livro militante sobre Paris falando dos movimentos populares e insurreições, e não da Paris dos Champs-Élysées, provavelmente a avenida mais chata da cidade. Eu sou um grande andarilho de cidades, e esse livro é exatamente o que eu procurava. A história de Paris por suas ruas e mais um belíssimo material iconográfico. O

autor, Eric Hazan, vendeu a editora Hazan, que era da família e fez uma pequena editora bem militante – *La Fabrique*, menor do que a nossa, inclusive.

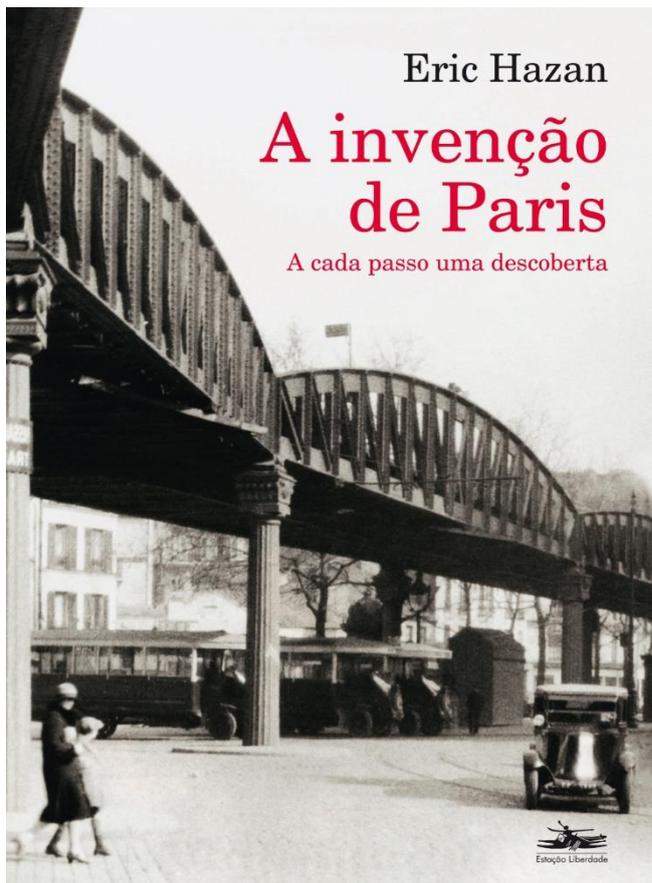


Imagem 4: *A invenção de Paris*.
Imagens de capa © Germaine Krull, 1927

A utopia da bibliodiversidade

Penso que existem múltiplas utopias no que concerne a invenção de formas de cultura que poderiam atingir as forças reflexivas dos leitores. Começamos pelo prático. Fizemos nos anos 90 um projeto coletivo envolvendo seis editoras, unindo os respectivos departamentos comerciais. Funcionou um tempo. Mais tarde, militei muito pela consolidação, enquanto entidade, da LIBRE – Liga Brasileira de Editoras, da qual fui presidente de 2003 a 2005. Cerca de cem editoras independentes, em geral pequenas, que se juntaram para militar pela bibliodiversidade e encampar projetos comuns, inclusive feiras. Conseguimos algumas vitórias, como, por exemplo, quando foi possível democratizar as compras por parte do Ministério da Educação. Houve reuniões em Brasília com Tarso Genro, também com Gilberto Gil e Juca Ferreira. Houve também o plano nacional do livro e da leitura, enfim, uma época de degelo para os editores independentes, principalmente face à realidade de hoje, em que se achou por bem suprimir o Ministério da Cultura. Lamentavelmente, não conseguimos implementar, o que eu sempre achei que

seria fundamental para nossa sobrevivência, uma lei do preço único para o livro, em que pequenas e grandes livrarias estivessem competindo em pé de igualdade. Jérôme Lindon, o lendário resistente e fundador da Éditions de Minuit, me disse uma vez do alto da mansarda de escadaria estreita onde tinha seu refúgio editorial: “Jovem colega, se posso lhe aconselhar uma coisa, é que lute pelo preço fixo do livro em seu país. É fundamental para nos mantermos à tona, sem isso não temos chance”. Essa utopia, necessária, mas inatingível, nos foi sonhada, inclusive por uma boa parte do setor do livro e suas instituições, que não entenderam sua importância ou estiveram por demais submissas à lógica da ortodoxia liberal. Outra utopia que vejo como inatingível (com desculpas pela redundância) seria o que existe em vários países com melhor cultura livreira: que as compras de bibliotecas públicas das várias esferas (municipais, regionais, estaduais, o que for) cubram o grosso dos custos da primeira edição dos livros. Isso não é mendicância de produtores culturais mimados, isso é, sim, defesa de patrimônio.

Referências

GEISELBERGER, Heinrich. *A grande regressão*. Trad. Silvia Bittencourt, Alexandre Hubner, Débora Landsberg, Sérgio Molina, Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2019.

GOMBROWICZ, Witold. *Ferdydurke*. Trad. Georges Sédir. Paris, Éditions Christian Bourgois, 1972.

HANDKE, Peter. *A perda da imagem ou Através da Sierra de Gredos*. Trad. Simone Homem de Mello. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009

_____. *Die morawische Nacht*. Frankfurt : Suhrkamp Verlag, 2008.

_____. *Don Juan (narrado por ele mesmo)*. Trad. Simone Homem de Mello. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2007

_____. *Eine winterliche Reise zu den Flüssen Donau, Save, Morawa und Drina oder Gerechtigkeit für Serbien*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1996

_____. *Mein Jahr in der Niemandsbucht*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1994

_____. *Unter Tränen fragend*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2000

HAZAN, Eric. *A invenção de Paris*. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2017

NIZAN, Paul. *Áden, Arábia*. Trad. Bernadette Lyra. São Paulo : Editora Estação Liberdade, 2003

RAHIMI, Atiq. *A balada do cálamo*. Trad. Leila de Aguiar Fonseca. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature*. Paris : Gallimard, 1947.

SLOTERDIJK, Peter. *Ira e tempo*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

YOSHIKAWA, Eiji. *Musashi*. 3Vol. Trad. Leiko Gotoda. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2008